

# “OCUPAR A QUADRA”, EMPODERANDO MENINAS: AMPLIANDO DIÁLOGOS SOBRE FUTEBOL E GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

DRA. ALINE NICOLINO

Doutora em Enfermagem Psiquiátrica pela Universidade Estadual de  
São Paulo – USP/Ribeirão Preto  
Professora do Curso de Educação Física e Dança e do Programa de Pós-  
Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos da Universidade  
Federa de Goiás – UFG

DRA. VALLÉRIA ARAÚJO DE OLIVEIRA

Doutora em Educação Física pela Universidade de Brasília – UNB  
Professora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade  
Federal de Goiás – CEPAE/UFG

**Resumo** | Neste texto descrevemos uma experiência pedagógica desenvolvida com estudantes do Ensino Fundamental, de uma escola pública de Goiânia, visando ampliar as vivências corporais escolares por meio do futebol, possibilitadas pelo empoderamento, diálogo e ocupação dos espaços por parte das estudantes. Trata-se de um projeto desenvolvido entre as disciplinas de Educação Física e Português, no período da Copa do Mundo de Futebol Feminino-2019, que ao observar um movimento das estudantes de jogarem nos cantos do gramado ou da quadra, propôs resistir ao ‘jogo’. Ao final, avaliamos que vestir a camisa do time e não entrar em campo, não era suficiente. Era preciso confrontar as regras e os discursos de objetificação das mulheres que jogam futebol, para ampliar a representação de humanidade.

**Palavras-chave** | Futebol Feminino; Educação Física; Gênero.

## “OCCUPY THE COURT”, EMPOWERING GIRLS: EXPANDING DIALOGUES ABOUT FOOTBALL AND GENDER IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

**Abstract** | In this text we describe a pedagogical experience developed with elementary school students, from a public school in Goiânia, aiming to expand the school body experiences, through soccer, enabled by empowerment, dialogue and occupation of spaces by the students. It is a project developed between the disciplines of Physical Education and Portuguese, during the Women’s Football World Cup-2019, that when observing a movement of the students in playing in the corners of the lawn or court, proposed to resist the ‘game’. At the end, we assess that wearing the team jersey and not taking the field, was not enough. It was necessary to confront the rules and the speeches of objectification of women who play soccer, to broaden the representation of humanity.

**Keywords** | Women’s Football; Physical Education; Gender.

## “OCUPANDO LA CUADRA”, EMPODERANDO A LAS NIÑAS: EXPANDIENDO LOS DIÁLOGOS DE FÚTBOL Y GÉNERO EN CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA

**Resumen** | En este texto describimos una experiencia pedagógica desarrollada con estudiantes de primaria, de una escuela pública en Goiânia, con el objetivo de expandir las experiencias del cuerpo escolar, a través del fútbol, hecho posible por el empoderamiento, el diálogo y la ocupación de espacios por parte de los estudiantes. Este es un proyecto desarrollado entre las disciplinas de educación física y portugués, durante el período de la Copa Mundial de Fútbol Femenino-2019, que al observar un movimiento de las estudiantes jugando en los rincones del campo o de la cuadra, propuso resistir el ‘juego’. Al final, consideramos que usar la camisa del equipo y no salir al campo no era suficiente. Era preciso confrontar as regras e os discursos de objetificação das mulheres que jogam futebol, para ampliar la representación de la humanidad.

**Palabras clave** | Fútbol Femenino; Educación Física; Género.

## APRESENTAÇÃO

Há várias possibilidades de iniciar uma conversa sobre o futebol jogado por mulheres<sup>1</sup> no Brasil, uma delas pode partir das reportagens publicadas em portais da internet nos quais é possível identificar os discursos de maior circulação entre o período que antecede e ocorre a Copa do Mundo de Futebol Feminino-2019<sup>2</sup>. Entre as notícias mais divulgadas estão os excelentes resultados e recordes conquistados pelas futebolistas contrastando aos salários e premiações bem abaixo do futebol masculino, poucos campeonatos e, conseqüentemente, pouca visibilidade e interesse privado em patrocinar, assim como falta de estrutura de base e de profissionalização no país. A divulgação das questões técnica, tática e física das jogadoras sempre são associadas, classificadas e hierarquizadas segundo parâmetros ‘masculinos’. De tal forma, que para serem descritas, em suas glórias e/ou dificuldades, o futebol jogado por mulheres é antes e, sobretudo, reconhecido como jogado por homens.

O que significa dizer que só é possível existir enquanto jogadora, nos termos beauvoiriano<sup>3</sup>, a partir do jogador e, portanto, na condição de outro. A divulgação e o compartilhamento da lógica do futebol como um jogo ‘masculino’ é um dos diálogos que nos interessa estabelecer neste texto, pois ao torná-lo referência, passa a ser a versão universal de huma-

1. O termo visa desestabilizar a “potencial reificação da diferença sexual que, ainda que involuntariamente, faça a manutenção de uma restrição binária das identidades de gênero e de um espectro implicitamente heterossexual” (BUTLER, 2019, p. 228). Em outros momentos, o uso do termo futebol feminino é acionado para evidenciar que as versões feminina e masculina das modalidades esportivas, buscam produzir uma ilusão essencialista de gênero marcada no sexo.
2. A escolha pelo período se deu pela visibilidade histórica do esporte, que ultrapassou um bilhão de espectadora/es. A audiência na América do Sul aumentou 560%, se comparado com a edição anterior, em 2015, sendo o Brasil o país com o maior crescimento em números absolutos, 81 milhões de pessoas (GLOBOESPORTE, 2019a; PIREs, 2019a).
3. Recorremos aos dois volumes da obra “O Segundo Sexo” de Beauvoir, por concordarmos com a autora que o ‘feminino’, a ‘biologia’ e a ‘natureza’ são utilizadas como justificativas da condição social da mulher como Outro.

nidade<sup>4</sup>. Entendemos, com isso, que há um interesse sócio-político nas mulheres que jogam futebol que não reside apenas no plano profissional, em suas competências e habilidades, mas sim em sujeitar esses corpos às opressões sexista, heteronormativa e racista, pois o seu reconhecimento enquanto futebolista é objetificado na superação das incapacidades de ser Mulher<sup>5</sup>.

A invisibilidade de alguns discursos que conformam as regras do 'jogo' pode ser explorada com alguns questionamentos: Por que as jogadoras negras estão mais vulneráveis ao racismo que os jogadores negros<sup>6</sup>? Quais são as imagens mais divulgadas sobre as jogadoras e porquê? Quem define as regras do futebol? Qual o poder de decisão das futebolistas em um contexto chefiado por homens? Quais estruturas foram desestabilizadas a partir da grande visibilidade e consumo do futebol feminino? Em que pese tais perguntas não resumirem as questões estruturais em que o futebol feminino encontra-se subjetivado, elas dão uma pequena amostra de que ao continuarmos utilizando como referência o 'masculino', sob o olhar, a 'performance' e o mando de homens, sobretudo, de homens brancos<sup>7</sup>, para pensar e gerir o futebol jogado por mulheres, as estruturas não serão desestabilizadas.

Dito de outro modo, apesar de haver uma disseminação significativa de informações sobre o futebol feminino, promovendo visibilidade as futebolistas, elas se constituem, em grande parte, pela imposição de

---

4. A universalização do 'masculino' no esporte é discutido por Goellner (2005, p. 148) ao mostrar o quanto "o homem - seu corpo e seu comportamento - é o modelo a partir do qual o corpo e o comportamento da mulher são julgados". De modo, que "as jogadoras de futebol, muitas vezes, são questionadas acerca de sua sexualidade, parecendo ser 'natural' essa inspeção". Ao serem bem-sucedidas no esporte, levanta-se a suspeita de que seja um 'homem', demandando-as teste de feminilidade (DEVIDE, 2005).

5. Nos valem do uso da categoria Mulher, recorrendo ao pensamento beauvoiriano, para demarcar as 'armadilhas' produzidas pela lógica essencialista, que ao dar visibilidade ao futebol feminino, aprisiona-a nos limites da projeção do Outro. Posto isto, entendemos que ela é interessada, parcial e busca reforçar estereótipos 'masculinos'.

6. Pires (2019b).

7. Vieira (2019).

‘imagens de controle’<sup>8</sup> negativas sobre as jogadoras, ao serem formadas segundo o modelo ‘masculino’ de jogar futebol. Produz-se, nesse sentido, discursos comuns de inferioridade das mulheres que jogam futebol, doutrinando-as que a precariedade e o silenciamento são os desafios que constituem a própria existência de ser jogadora. O recado é: “*existir enquanto jogadora é se submeter a essas condições*”. Contudo, como nos mostra as feministas negras, na voz de Patrícia Hill Collins (2019), “o maior desafio é não internalizar”.

É diante dessa proposta de resistência e de possibilidades de diálogo sobre os discursos que circulam sobre o futebol feminino e as mulheres que jogam futebol que apresentamos alguns dos desafios produzidos na e pela prática da modalidade, em uma instituição pública de Goiânia, com estudantes do Ensino Fundamental (EF), assim como as estratégias de empoderamento<sup>9</sup>, diálogos e ‘ocupação’ realizados dentro e fora das aulas de Educação Física para tratar o tema na escola. Para isso, foi proposto um projeto multidisciplinar com a disciplina de Português, voltado para ocupar o espaço escolar e ampliar as vivências corporais das/os estudantes, possibilitada pelo futebol feminino.

## “OCUPAR” PARA RESISTIR!

Entendemos que se há várias possibilidades de iniciar uma conversa sobre o futebol é porque a modalidade é um objeto significativo da cultura corporal. Não precisamos ir à escola para sabermos que o futebol é

---

8. Conceito produzido por Collins (2019) para mostrar que a mulher negra é sempre representada por imagens negativas, diferentemente das mulheres brancas, em que há muitas imagens positivas e algumas negativas. Aqui, nos valem do primeiro sentido utilizado pela autora para problematizar a produção da futebolista.

9. Concordamos com Djamila Ribeiro, que o empoderamento visa produzir “mudanças sociais numa perspectiva antirracista, antielitista e antissexista, por meio das mudanças das instituições sociais e das consciências individuais”. Trata-se de “uma ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos. Essa consciência ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimento e superação da realidade na qual se encontra”, de modo “que uma conquista individual não pode estar descolada da análise política” (RIBEIRO, 2018, p. 135-6).

o uma “*paixão nacional*”. Ou seja, somos lançadas e lançados, em alguma medida, ao jogo! Jogá-lo faz parte de nossas experiências individual e coletiva, mesmo para quem nunca fez um gol ou chutou uma bola ou a ganhou antes de aprender a andar. O futebol, especialmente no Brasil, faz parte das nossas relações humanas e é desse sentido, de criar vínculos de proximidade com o outro ser humano, por meio de uma linguagem comum, que pensamos em desenvolver um projeto sobre esse esporte.

O que mobilizou esta prática foi o contexto histórico, a Copa do Mundo de Futebol Feminino-2019, no qual a professora de Português solicitou às/aos estudantes do 5º ano (EF) a elaboração de uma carta endereçada à jogadora Marta da seleção brasileira, para suscitar as discussões de gênero, aproveitando a repercussão midiática do discurso feito pela jogadora, em março de 2019, na sede da Organização das Nações Unidas, em evento realizado pelo Comitê Olímpico Internacional, bem como a sua entrevista ao final da partida de eliminação contra a França. Foi notório naquele momento na escola, assim como nos burburinhos e nos diálogos que já circulavam sobre o tema, um movimento das meninas em levar uma bola de futebol para o recreio. Contudo, observou-se que elas não compreendiam o espaço como um território ‘permitido’ a elas, jogando em uma pequena parte do gramado ou na lateral da quadra de esportes que era totalmente dominada/ocupada pelos meninos jogando futebol.

Diante dos acontecimentos, percepções e diálogos travados entre as disciplinas e nas aulas de Educação Física, em que as questões de gênero já vinham sendo trabalhadas por meio do voleibol<sup>10</sup>, a ‘ocupação’ da

---

10. Trazer as questões de gênero e da ‘ocupação’ dos diferentes espaços na escola são algumas ações que vinham sendo desenvolvidas com a/os estudantes desde o início de 2019, por meio do voleibol. Os debates iniciais com a turma objetivavam problematizar as ‘tecnologias de gênero’ engendradas nas falas, nos gestos e nas atitudes da/os estudantes, que nos termos de Teresa de Lauretis (2019, 136), possibilitava compreender “*o modo pelo qual a representação de gênero é construída pela tecnologia específica*”, que nesse caso, visava dominar os espaços. Para ‘ocupar’ os meninos argumentavam que as meninas eram incapazes, segundo alguns: “*ela não consegue pegar na bola*”; “*ela tem medo da bola e não sai do lugar*”. A proposta era identificar, nomear e dialogar sobre tais argumentos, visando compreender os interesses e os efeitos produzidos. Com o passar do tempo, as meninas se

quadra e de outros espaços escolares, por parte das estudantes, foi sendo tematizada, de modo que as meninas se apropriassem dos sentidos e dos significados que o futebol, neste caso, pode mobilizar para desestabilizar uma educação generificada nos corpos.

Para isso, foi preciso estabelecer diálogos e parcerias que começaram a ser desenvolvidos meses antes da Copa. Promovendo jogos entre as meninas de todas as séries durante o recreio e a constituição de torcidas para dar visibilidade. As regras foram construídas de forma coletiva, em que a pontuação referente à participação da torcida, ao jogar solidário (todas jogam), ao respeito e à vitória, tiveram o mesmo peso. Foi uma ação, para além da sala de aula, por envolver ampla participação da/os estudantes e docentes, despertando sentidos de ‘poder’ torcer e jogar, reconhecidos pela ocupação dos espaços e de parcerias estabelecidas.

Durante as aulas de Educação Física, os jogos e as brincadeiras também foram mobilizados como um conteúdo significativo de identificação dos sentidos e significados que as/os constituem. Explorar os limites e as possibilidades corporais era, ao mesmo tempo, reconhecer as marcas de gênero, classe, raça, geração e religião que davam contornos a seus corpos, sentido as suas emoções e expunham seu gestos e atitudes. O movimento, aparentemente, individual, anunciava-se como expressão de uma produção coletiva, histórica e, portanto, política. Concomitante a essas ações, a escrita e o diálogo constituíram formas de dar sentido aos sentimentos, nomear e conhecer a produção generificada das práticas corporais, como parte de uma aprendizagem coletiva, como um meio de conhecimento.

Ao final, entendemos que vestir a camisa do time e não entrar em campo não era suficiente! Era preciso confrontar as regras e os discursos, jogar os 90min, na defesa e no ataque, construindo coletivamente as jogadas, as regras e as táticas. Dominar o conhecimento, exercitar a escuta, ter voz e vivência em espaços seguros de fala<sup>11</sup>, foram algumas

---

apresentavam no debate, não aceitando ser excluídas e enfrentavam tais questões com segurança e autoridade.

11. Termo utilizado por Collins (2019, p. 276) ao descrever sobre o vir-a-ter-voz em espaços seguros para as mulheres negras, como forma de empoderamento e

ações desenvolvidas no projeto para reconhecer-se no processo e produzir outras representações de futebol. Para confrontar a lógica de que “*futebol é coisa de menino*” buscou-se exercitar o desejo da resistência em ‘ocupar’ a quadra, o pátio, a voz nas salas, soltar o grito preso na garganta<sup>12</sup>, o não dito e o não vivenciado. Compartilhar a experiência ecoou como um hino de resistência, de que não é possível entrar “na luta como objetos para nos tornarmos sujeitos mais tarde”, como nos lembra Paulo Freire (1987).

## AO ‘OCUPAR’, O JOGO SEGUE?

Identificamos, a partir do vivenciado, que as práticas corporais e os discursos estavam marcados por um sentido de reconhecimento do mais ‘forte’ e mais ‘habilidoso’ para estabelecer as fronteiras generificadas entre o ocupar (estar na quadra jogando) e o pertencer (quem joga?). Aprendemos, com isso, que recontar as maneiras de educar o corpo nas aulas de Educação Física nos sensibilizou a reconhecer na fala da jogadora da seleção, que a “*valorização, o querer mais, o estar pronta!*” de uma futebolista no Brasil, não depende plenitude.

Ao final do projeto/jogo aprendemos, também no sentido metafórico, que é preciso passar a bola, driblar e criar possibilidades de fazer o gol, como estratégia de resistência à objetificação das mulheres que jogam futebol. Entendemos, ainda, que o jogo de futebol não acontece somente nos 90min e, por isso, é preciso acionar toda a estrutura, estimular a formação de torcidas, produzir conjuntamente as regras, promover o respeito e dar visibilidade a diferentes possibilidades corporais, posto que futebol não se joga sozinha/o! Compreendemos, sobretudo, que o futebol é apenas um meio para continuarmos driblando/resistindo a objetificação

---

resistência. O projeto, nessa lógica, propôs espaços seguros de fala e de sensibilização de uma escuta coletiva para alterar as ‘imagens de controle’ sobre as “*as meninas que não sabem jogar bola*” e as “*meninas que ‘podem’ jogar bola*”.

12. No ônibus, ao caminho do campo, as jogadoras da seleção brasileira cantavam: “*Qual é? Qual é? Futebol não é pra mulher? Eu vou mostrar pra você mané! Joga a bola no meu pé*”. Esse ‘grito’ foi ouvido e reproduzido pelas estudantes que o cantaram após o jogo, em um só coro, todas juntas.

da mulher que joga futebol e ampliando os diálogos que representam a humanidade, entendendo que o jogo segue!

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Volume 1. Fatos e mitos. São Paulo: Círculo do Livro por cortesia da Editora Nova Fronteira, 1986.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Volume 2. A experiência vivida. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, J. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. (orga.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 213-230.

COLLINS, P. H. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. In: HOLLANDA, H. B. (orga.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 271-312.

DEVIDE, F. P. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 38ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2004.

GABOR, Arthur. **Jogadoras de futebol mais bonitas do mundo**, 2019. [https://www.areah.com.br/cool/esportes/materia/197816/1/pagina\\_1/jogadoras-de-futebol-mais-bonitas-do-mundo.aspx](https://www.areah.com.br/cool/esportes/materia/197816/1/pagina_1/jogadoras-de-futebol-mais-bonitas-do-mundo.aspx)

GLOBOESPORTE. **Com mais de 1 bilhão de pessoas, Fifa diz que Copa do Mundo Feminina foi a mais vista da história**, 18 de outubro de 2019a. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/fifa-divulga-audiencia-da-copa-do-mundo-feminina-e-diz-que-mais-de-1-bi-de-pessoas-assistiu-ao-torneio.ghtml>

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**. São Paulo. V. 19, n. 2, p. 143-151, abr-jun, 2005.

LAURETIS, T. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, H. B. (orga.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 121-156.

PIRES, B. Audiência da Copa feminina bate recordes pelo mundo. *El País*, 29 de junho de 2019(a). Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/29/deportes/1561762967\\_356406.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/29/deportes/1561762967_356406.html)

PIRES, B. Atletas fazem de 2019 o ano da luta contra o preconceito. *El País*, 30 de dezembro de 2019(b). Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/12/30/deportes/1577720896\\_858504.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/12/30/deportes/1577720896_858504.html)

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VERMELHO. Por que futebol ainda é esporte 'só para homem' no Brasil?, 23 de outubro de 2017. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2017/10/23/por-que-futebol-ainda-e-esporte-so-para-homem-no-brasil/>

VIEIRA, K. **Observatório do Racismo questiona normalização do preconceito no futebol**, 2019. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2019/10/observatorio-do-racismo-questiona-normalizacao-do-preconceito-no-futebol/>

Recebido: 11 agosto 2020

Aprovado: 05 novembro 2020

Endereço eletrônico:

Aline Nicolino

[aline.nicolino@gmail.com](mailto:aline.nicolino@gmail.com)